

# Sarney inicia ofensiva intensa contra racismo

9 MAI 1985

por José Casado do Porto

O governo brasileiro inicia hoje uma ofensiva diplomática de proporções inéditas na história do País: o presidente José Sarney vai à Assembleia Nacional de Cabo Verde, em Praia, capital do país, e faz às 18 horas (hora local) um incisivo pronunciamento condenando o regime racista da África do Sul e apoiando a autonomia política de Angola e Moçambique, além de denunciar ações internacionais para a desestabilização dos governos desses países.

Na mesma hora em que Sarney estiver fazendo o pronunciamento os embaixadores do Brasil em 25 nações africanas estarão entregando cópias aos respectivos governos desses países. O mesmo fará a representação diplomática do Brasil junto à Organização das Nações Unidas (O. NU).

"Será um discurso muito afirmativo, definindo de forma muito clara as posições da política externa brasileira em relação ao continente africano", informou o embaixador Rubem Ricupero, assessor especial da Presidência da República.

O presidente parte hoje às 6 horas do Porto, ao norte de Portugal, para Cabo Verde. Essa "operação África" foi planejada pelo Itamaraty atendendo a um desejo pessoal do presidente, que pretende dar a mais ampla dimensão à política de defesa da soberania de países como Angola e Moçambique, fixando o Brasil como aliado permanente do bloco africano anti-racista.

Desde que desembarcou em Lisboa, cinco dias atrás, Sarney fez doze discursos, em três cidades portuguesas, nos quais enunciou os princípios básicos da política externa brasileira para o continente africano. Seus pontos de vista não coincidiram com os de seu anfitrião, o presidente socialista português, Mário Soares.

Soares recebeu Sarney com todas as honras e homenagens, em grau máximo, que o protocolo lhe permite conceder a um chefe de Estado amigo. Por exemplo: tantas foram as festas para Sarney, em Lisboa, Coimbra, Porto, que o presidente brasileiro foi saudado em nada menos que 22 discursos. Mas o conflito de posturas na política externa dos dois países, especificamente em relação à África, ficou evidente na dificuldade que as respectivas chancelarias tiveram em torno do ato final — a redação de um comunicado conjunto, uma tradição diplomática brasileira.

O comunicado foi escrito e reescrito cerca de cinco vezes por diplomatas brasileiros e portugueses porque Sarney insistiu em fazer notar a posição brasileira sobre o racismo da África do Sul.

Soares resistiu porque, como explicou, existem 650 mil portugueses na África e o governo de Portugal tem o dever de defender seus interesses.

Somente no final da noite de ontem é que os diplomatas dos dois países chegaram a um consenso quanto a uma nota oficial conjunta, que marcasse o final da visita de Sarney a Portugal. (Nesse comunicado, os dois presidentes reafirmaram a preocupação com a violência na África do Sul e fazem um apelo à comunidade internacional para que se busquem soluções que permitam a paz.)

O próprio Sarney conver- sou com Soares durante um

almoço, na cidade de Guimarães, a 30 quilômetros do Porto. O chanceler Abreu Sodré fez o mesmo com o seu colega Pedro Pires de Miranda, mas a saída, ainda não tinha plena certeza da assinatura portuguesa na nota oficial. "Temos matizes diferentes. Mas somos iguais", ironizou.

A "operação África" do governo brasileiro tem dois objetivos estratégicos: a) facilitar, de uma vez, a penetração tecnológica, comercial e cultural do País no continente africano; e b) criar condições para a projeção de José Sarney no cenário internacional com um discurso diferente do adotado por chefes de Estado como Raúl Alfonsín, da Argentina, que optou por uma retórica próxima daquela que os diplomatas costumam classificar como terceiro-mundista.